

A crise de sentido no mundo urbano: desafios para a evangelização

Rafael Manoel de Souza Silva¹

Sérgio Sezibo Douets Vasconcelos²

Resumo: O artigo analisa alguns aspectos da crise de sentido no mundo urbano e seus desafios para a evangelização, utilizando a pesquisa documental. Evidencia-se um corpo social fragilizado pelo empobrecimento das relações, da perda de referenciais e enfraquecimento de compromissos, resultando no distanciamento da fé. Assim, destaca-se a necessidade do anúncio querigmático, capaz de dialogar com as realidades do ser humano hodierno. Igreja é chamada a ser presença, promotora da acolhida e evangelização. Em meio ao pluralismo, exige-se não apenas transmissão de conteúdos, mas um testemunho que revele Cristo, frente às inquietações humanas.

Palavras-chave: Crise de Sentido. Pluralismo. Evangelização.

189

1 Introdução

O presente artigo é um fruto de uma pesquisa do PIBIC (Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica), que busca refletir sobre “Fundamentalismo Identitário e Novas Religiosidades”. A pesquisa em foco busca discutir como estes elementos desafiam o contexto da evangelização, em um mundo urbanizado.

O mundo contemporâneo é marcado por profundas transformações que têm como base o pluralismo e este assume o lugar central na modernidade, levando à fragmentação dos vínculos sociais e identitários. Bem como, a multiplicidade de possibilidade de escolhas de ofertas de sentido, concomitante ao fortalecimento de sujeitos cada vez mais autônomos. Neste cenário, a religião, que tradicionalmente teve um papel gerenciador de sentido, vê-se cada vez mais fragilizada.

Por outro lado, observa-se sujeitos com identidades sempre mais frágeis e mutáveis, diante dos múltiplos modelos identitários, oferecidos pelo cenário moderno sempre mais plural. Tal contexto, inevitavelmente, favorece a uma crise de sentido, provocando instabilidade existencial. Perante esta realidade, uma das respostas a estes contextos são as novas religiosidades, marcadas por seletividade na forma de vivenciar a fé, apresentando-se como identidades líquidas ou com tendências fundamentalistas.

¹ Graduado em Geografia pela Universidade de Pernambuco-UPE; Bacharel em Filosofia pela Universidade Católica de Pernambuco-UNICAP; Pós-graduado em Ensino Religioso pela Faculdade Venda Nova do Imigrante-FAVENI e atualmente bacharelando em Teologia pela Universidade Católica de Pernambuco-UNICAP e Bolsista PIBIC-CNPq. E-mail: rafaelmanoel2011@hotmail.com

² Doutor em Teologia, professor nos Programas de Pós-graduação de Ciências da Religião e Teologia e no Curso de Bacharelado de Teologia, na Universidade Católica de Pernambuco - UNICAP. E-mail: sergio.douets@unicap.br



Enquanto percurso metodológico, é uma pesquisa qualitativa, bem como o método hermenêutico-teológico e documental, fundamentada em autores da área da sociologia da religião, filosofia e teologia contemporânea. E, enquanto objetivo geral é analisar a relação entre crise de sentido no mundo urbano e os desafios para a evangelização.

A evangelização no mundo urbano é desafiadora, pois a Igreja e os seus agentes, são chamadas a dialogar com grupos fortemente individualistas. Mas, é importante entender que “não se começa a ser cristão por uma decisão ética ou uma grande ideia, mas através do encontro com um acontecimento, com uma Pessoa, que dá um novo horizonte” (Dap, n. 243). Em meio à crise de sentido, o querigma torna-se uma resposta existencial, apresentando a pessoa de Jesus Cristo como horizonte de sentido, promotor de pertença, solidariedade e renovação da experiência comunitária.

2 A crise de sentido no mundo urbano

A contemporaneidade é marcada por várias transformações, dentre as quais, no que tange à realidade social, religiosa e cultural, tem forte influência na vida dos sujeitos. Não obstante, diante desse cenário é visto um fortalecimento e crescimento de respostas à crise de sentido, bem como, fortalece-se o pluralismo, enquanto característica da modernidade, por outro lado, como reação a tal contexto, vão surgindo atitudes identitárias fundamentalistas.

A esse respeito, Berger (2017, p. 20) salienta que “o pluralismo é uma situação social na qual pessoas de diferentes etnias, cosmovisões e moralidades vivem juntas pacificamente e interagem amigavelmente”. Ou seja, o pluralismo pode ser entendido como uma condição social que é própria da modernidade, onde os diferentes grupos coexistem, oportunizando a necessidade constante da abertura ao diálogo e convivência fraterna.

O contexto evidencia que na contemporaneidade, nenhuma visão de mundo é capaz de se sobrepor e impor, de forma absoluta, um modelo de sentido para todos. A sociedade moderna é marcada pela liberdade, a tolerância e a liberdade de escolhas.

As transformações que surgem, fruto do pluralismo, coloca a problemática do sentido da existência humana. E, Berger e Luckmann (2004, p. 14), corroboram, afirmando que “o sentido nada mais é do que uma forma complexa de consciência: não existe em si, mas sempre possui um objeto de referência. Sentido é a consciência de que existe uma relação entre as experiências”. Mediante essa compreensão, é possível aferir que o ser humano precisa de referenciais que sejam capazes de orientar a sua vida.



DEUS HABITA ESTA CIDADE

Anais Eletrônicos do II Congresso Teológico de Pastoral Urbana | Recife 2026

191

É importante entender que, quando tais referências ficam frágeis ou até mesmo instáveis, instaura-se, muitas vezes, uma crise de sentido, que provoca nos sujeitos a dificuldade de encontrarem uma “base sólida”, que seja capaz de orientar as suas escolhas e interpretações da realidade. Berger e Luckmann (2004), afirmam que nas sociedades pré-modernas existia uma “estrutura de plausibilidade” e ela era responsável por organizar a experiência humana de maneira coerente, principalmente por meio da religião.

Porém, com o advento do pluralismo, tais estruturas sofrem significativas rupturas, não conseguindo mais se impor como única e absoluta. Significando, neste contexto, que o pluralismo não é apenas uma representatividade da diversidade existente no locus das relações, mas sim, uma condição estrutural da sociedade moderna, como campo de construção de sentido para os próprios sujeitos.

O cenário plural, provoca uma ruptura de estruturas tradicionais, levando os indivíduos a uma maior autonomia. Assim, “novos horizontes estão se abrindo em todos os sentidos. A situação é também individualizante. O indivíduo é devolvido a si mesmo, para escolher e decidir e se manter no curso escolhido” Berger (2017. p. 57).

Aqui, apresenta-se uma característica forte da modernidade que é a possibilidade de escolhas proporcionadas ao indivíduo, bem como a sua autonomia. Observa-se que, o que antes era pensado no coletivo e transmitido por instituições sociais, a saber: a família e a religião, no cenário atual encontram-se em crise. Uma vez dada a realidade múltipla de escolhas em um campo marcado pelo pluralismo, os sujeitos são chamados, rotineiramente, a construir as suas identidades, nas tomadas de decisões que marcam essas alternativas existentes. Diante disso, temos um caminho que possibilita liberdade e autonomia, porém, também se apresenta como uma lacuna que gera insegurança, ansiedade e crise de sentido, tendo em vista que as referências que eram estáveis e únicas perdem espaço para a pluralidade de ofertas (Berger e Luckmann, 2004).

Entretanto, para além das fragmentações sociais, observa-se também, questões existenciais no tocante a espiritualidade. Desta forma, “nestes tempos de niilismo e ausência de Deus [...], não vivemos tempos de propor certezas dogmáticas, e sim de acompanhar os homens e mulheres de hoje a se questionarem com sinceridade sobre o sentido de nossas vidas” (Pagola, 2020, p. 15).

A contemporaneidade é marcada por uma realidade de questionamentos no que tange ao sentido da vida e pelas fragilidades religiosas e existenciais. Fomentando, neste contexto, a necessidade de um acompanhamento por meio de uma sincera reflexão, diálogo e redescoberta do sentido e da experiência de fé.



Vale salientar que Hall (2006), afirma que o sujeito “pós-moderno” não tem uma identidade “fixa, essencial ou permanente” (Hall, 2006, p. 12). Ou seja, a identidade torna-se múltipla, mutável e fragmentada. Em relação a esse sujeito, o autor apresenta outros tipos de sujeitos, em outros contextos históricos e as suas construções identitárias: o “sujeito iluminista”, que em linhas gerais era compreendido como sujeito histórico, autônomo, centrado, unificado e o “sujeito sociológico”, que foi compreendido como uma identidade que se forja na relação do indivíduo com a sociedade (Hall, 2006).

A partir dessas compreensões, Hall compreende a identidade do sujeito contemporâneo, chamado por ele de “pós-moderno”, frente aos múltiplos modelos identitários provisórios, como “celebração móvel”. Isto é, a identidade não é fixa, tampouco permanente, está em constante transformação, contribuindo para a crise de sentido no mundo urbano, tendo em vista que o sujeito contemporâneo encontra dificuldades de pertença, estabilidade identitária e vínculos comunitários.

Neste íterim, a crise de sentido no mundo gera desafios reais para a evangelização. Um dos frutos desse contexto, vem também por meio da globalização, pois ela realiza uma mudança nas identidades culturais, tendo em vista que as identidades são construídas mimeticamente (Hall, 2006), gerando identidades cada vez mais híbridas, múltiplas e, conseqüentemente, com tendência ao seu enfraquecimento.

A Igreja é chamada a anunciar o Evangelho dentro dessa realidade de inquietações existenciais do sujeito pós-moderno, procurando encontrar novos mecanismos que ajudem o ser humano contemporâneo a encontrar em Cristo o sentido e horizonte para a sua vida.

3 O mundo urbano: desafios para a evangelização

Em uma sociedade urbanizada, a evangelização se confronta com alguns desafios são latentes. Além da crise de sentido, também deve chegar a corações marcados por uma sociedade do cansaço (Han, Byung-Chul, 2015), fruto de um contexto marcado pela necessidade de desempenho que gera um cansaço solitário, frente a, na qual os vínculos comunitários vão se enfraquecendo, e, conseqüentemente, uma relativização religiosa.

Contudo, este palco urbano não perdeu completamente a busca religiosa, mesmo em um contexto de reelaboração da identidade religiosa coletiva (Hervieu-Léger, 2015). Mediante este contexto, a Igreja é interpelada a repensar, apresentando um caminho de evangelização nesse contexto urbano. Diante disso, pode-se questionar: qual finalidade da vida eclesial? segundo Rubio (2024, p. 190) é para o



DEUS HABITA ESTA CIDADE

Anais Eletrônicos do II Congresso Teológico de Pastoral Urbana | Recife 2026

“serviço da salvação de todos [...]. Mas, só pode ser esse sinal quando vive, nos seus membros e nas suas instituições, o amor aos outros, a solidariedade e o compromisso com a justiça”.

Por conseguinte, no mundo urbano, a evangelização deve se dar por vias do serviço. Como recordou-nos o Papa Francisco na Encíclica *Evangelio Gaudium* (EG) “sair da própria comodidade e ter a coragem de alcançar todas as periferias que precisam da luz do Evangelho” (EG, n. 20). Do sair de si, para diante as realidades apresentadas, ser uma Igreja capaz de dialogar, viver o amor, não como expressão teórica, mas, no gesto concreto da vida, no compromisso com a justiça e a solidariedade.

Afinal, mesmo em contextos de mudanças, “o mundo urbano atual, cuja mentalidade está presente na cidade e no campo, embora marcado por contradições e desafios, é lugar da presença de Deus, espaço aberto para a vivência do Evangelho” (CNBB, 2019, n. 10). Por isso, a evangelização nas cidades não deve ser apenas enxergada como espaço de crise, mas, como lugar teológico da presença de Deus. É um processo de recuperar a dimensão comunitária dos grupos, das pastorais, dos indivíduos. Fortalecendo, assim, um sujeito urbano que, buscando o pertencimento, não seja sufocado com realidades paralelas, que enfraquecem a construção identitária e a renovação da sociedade.

É importante, também perceber que a Igreja não pode ser vista apenas como um espaço funcional, que acolhe, evangeliza e dialoga. Mas, é também um chamado à comunhão de todos os membros de um único corpo e Cristo sendo a Cabeça (cf. 1Cor. 12; Ef. 4, 15-16). Unidos em um único membro, somos convidados a tornar visível a presença salvífica de Cristo em um mundo urbano. Evocando os batizados à sua missão, que não pode ser reduzida à manutenção institucional, mas, promover comunidades evangelizadas e evangelizadoras, gerando novos discípulos e discípulas.

É importante ter presente que os vínculos fragilizados dificultam uma pertença madura, tendo como consequência respostas religiosas imaginárias, idealizando o passado. Quando este caminho não é bem estabelecido, novas religiosidades vão surgindo. Isto é, formas hodiernas de viver o sagrado mediante a experiência pessoal, marcadas pelas subjetividades e idealização, como respostas à crise de sentido, alicerçada na âncora da alma do sujeito, desejando, muitas vezes, o que não viveu, mas, sente saudades, onde Bauman, parafraseando Stelana Boym (2017, p. 9), chama “saudade de nostalgia”, porém, adverte afirmando que “o perigo da nostalgia é que ela tende a confundir o lar verdadeiro como o lar imaginário”.

Eis, pois, uma tendência moderna que é a idealização do passado como solução para as crises do presente. Poderia então perguntar: por qual motivo isto acontece? A resposta é objetiva e clara, se dá em virtude da fragmentação social, da crise de sentido e não diferente, por meio da insegurança que ela gera. A construção do lar imaginário



DEUS HABITA ESTA CIDADE

Anais Eletrônicos do II Congresso Teológico de Pastoral Urbana | Recife 2026

é uma tentativa de criar estabilidade, identidade e um senso de pertencimento, porém, por ser imaginária, mostra-se insuficiente.

Buscando selecionar elementos religiosos que lhes convém, bem como o desejo de pensar Evangelização na cidade contemporânea como volta ao passado, leva a uma realidade de seletividade e idealização. É o que Hervieu-Léger (2015, p. 63) vai chamar de “crentes bricoladores”, que em linhas gerais, se apropriam de características religiosas variadas e fazem a sua própria bricolagem, a partir das suas demandas subjetivas.

Seria como montar algum objeto com várias peças. Ou seja, a bricolagem é a seleção de elementos religiosos, personalizando a sua espiritualidade e práticas religiosas, uma espécie de montagem que é feita a partir de diversos elementos. Então, no mundo urbano, a seletividade de crenças, combinando com práticas espirituais, misturadas com tradições religiosas vão construindo uma fé customizada, personalizada. Mediante este contexto, a religião já não é entendida como aquela que tem uma tradição contínua, mas se sobressaem a lógica do consumo de forma individual.

Neste horizonte, a evangelização passa por desafios como a fragilidade da pertença eclesial, refletindo em uma fé fortemente subjetiva e emocional e um consumo religioso, como escolha por aquilo que faz bem, relativizando a formação doutrinal, a adesão ao Evangelho e à Tradição. Ou seja, uma fé móvel, que responda às necessidades subjetivas do momento. Tal realidade pode ser comparada a uma lógica seletiva de uma “religião do consumo”, na qual se escolhe apenas aquilo que interessa, criando, desta forma, uma “religião de uma pessoa só”. Isto é, individual e seletiva!

4 Considerações finais

O pluralismo no mundo contemporâneo transformou profundamente as formas de construção identitárias e a experiência religiosa. Esse horizonte móvel, apresentado anteriormente como estável, é sintoma da crise de sentido, bem como as inseguranças e fragilidades de pertença eclesial. Porém, é importante ressaltar que a crise hodierna não pode ser entendida apenas como um problema, ela é também uma oportunidade para uma renovação pastoral, bem como, e um convite para reacender a missão da Igreja.

Portanto, frente à crise de sentido no mundo urbano e aos desafios para a evangelização, a formação humana e cristã, deve fomentar a consciência na busca por sujeitos críticos, diante do cenário de relativismo e comportamentos extremos. Conduzindo, desta forma, os sujeitos uma busca de sentido, pertença e autenticidade coerentes com os valores do Evangelho. Bem como, formar processos de Iniciação Cristã capazes de gerar discípulos e discípulas missionários, por meio do querigma. Pois, a evangelização no mundo urbano, não pode limitar-se à transmissão de



DEUS HABITA ESTA CIDADE

Anais Eletrônicos do II Congresso Teológico de Pastoral Urbana | Recife 2026

conteúdos, mas, deve ser presença capaz de experimentar e testemunhar a fé em Cristo que é resposta à crise de sentido.

Referências

BAUMAN, Zygmunt. **Retrotopia**. Rio de Janeiro: Zahar, 2017.

BEGER, Peter L. **Os múltiplos altares da modernidade**: rumo a um paradigma da religião numa época pluralista. Petrópolis: Vozes, 2017.

BERGER, Peter L; LUCKMANN, Thomas. **Modernidade, pluralismo e crise de sentido**: a orientação do homem moderno. Petrópolis: Vozes, 2004.

CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. **Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil**: 2019–2023. Brasília: Edições CNBB, 2019.

DOCUMENTO de Aparecida. Texto conclusivo da V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe, Edições CNBB, Paulinas, Paulus, 2023.

FRANCISCO. **Exortação Apostólica Evangelii Gaudium**. Vaticano: 2013. Disponível em: <https://encurtador.com.br/yBQp>. Acesso em 09 de mai. de 2026.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HAN, Byung-Chul. **Sociedade do cansaço**. Petrópolis: Vozes, 2015.

HERVIEU-LÉGER, Danièle. **O peregrino e o convertido**: a religião em movimento. Petrópolis: Vozes, 2015.

PAGOLA, José Antonio. **Caminhos de evangelização**. Petrópolis: Vozes, 2020.

RUBIO, Alfonso García. **A caminho do futuro**: um itinerário teológico-pastoral na Igreja do Brasil. São Paulo: Recriar, 2024.

